

Orquidário



Volume 21, nº 3
Julho a Setembro 2007

OrquidaRIO Orquidófilos Associados

Revista Orquidário

ISSN - 0103-6750

Editor

Carlos E.M. Carvalho

Conselho Editorial

Antônio Ventura Pinto

Carlos A.A. Gouveia

Carlos E.B. Pereira

Maria do Rosário de A. Braga

Paulo Damaso Peres

Publicação da OrquidaRIO -
Orquidófilos Associados

Deseja-se permuta com publicações afins. Artigos, textos e contribuições escritas devem ser remetidos ao Editor, em disquete, zip drive, cd, ou enviados por e-mail e, de preferência, gravados em um dos seguintes editores de texto: Page Maker, Word, Works, ou outros compatíveis com plataforma Windows. Os trabalhos aceitos aguardarão oportunidade de publicação e os não aceitos serão devolvidos caso o seu autor tenha remetido selos para postagem.

Fotos devem conter indicação do motivo e nome do autor.

Propaganda e matéria paga devem ser remetidas com 2 meses antes da data pretendida para inserção, reservando-se a revista o direito de rejeitar a publicação sem ter que explicar motivos.

O título Orquidário é de propriedade da OrquidaRIO conforme depósito e registro legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, foto ou desenho sem indicação de reserva de direito autoral (ã), podem ser reproduzidos para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

Correspondência: OrquidaRIO
Rua Visconde de Inhaúma 134/428
20.091-000, Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 2233-2314
Fax (21) 2518-6168
email: orquidario@orquidario.org



Diretoria Executiva

Presidente

Maria do Rosário de Almeida Braga

Vice-presidente

Carlos Manuel de Carvalho

Diretores

Técnico - Maria Delfina Araújo

Administrativo Financeiro - Ricardo de F. Filho
Rel. Comunitárias - Lúcia de Mello Provenzano

Comissão de Conservação Eventos

Willian Santiago

Comissão Divulgação

Maria Aparecida L. Loures

Comissão de Exposições

Colette Augusta Billeter de Souza
Lourdes dos Anjos Xantre Costa
Luciano H. M. Ramalho
Alexandre Cruz de Mesquita

Conselho Deliberativo

Presidente

Carlos Eduardo de Britto Pereira
Vogais:

Álvaro Pessoa

Paulo Damaso Peres

Luciano Henrique da Motta Ramalho

Fernando Setembrino

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87

Álvaro Pessoa - 1987-90

Raimundo Mesquita - 1990-94

Hans Frank - 1994-96

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Hans Frank - 2001-02

Marlene Paiva Valim - 2003-05

CONTRIBUIÇÃO DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1ano/1year	2anos/2years	3anos/3years
Sócios Contribuintes	R\$ 90,00	R\$ 170,00	R\$ 250,00
Sócios Correspondentes	R\$ 45,00	R\$ 83,00	R\$ 120,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 60,00	US\$ 90,00	US\$ 130,00
Via Aérea: acrescentar R\$ 30,00/ano - By Air Mail: plus US\$ 20,00/year			

INDICE

Orquidário Volume 21, nº.3

EDITORIAL

Editorial _____ 88

A Família Orchidaceae em fragmentos de Mata Atlântica no Município _____ 89
de Congonhinhas
Sergio Aparecido Tozzo & Sandremir de Carvalho

Acervo da Família Orchidaceae no Herbário do Instituto de Ciências _____ 95
Biológicas e Ambientais da Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro.
Regina Helena Potsch Andreatta, Carlos Reif e Maria da Penha Fagnani

Proposta de Classificação das Variedades da *Cattleya intermedia* _____ 101
Graham ex Hooker
Carlos Gomes



Capa: *Cattleya intermedia* var. orlata 'Maxima' Este bonito exemplar é cultivado por Calos Keller, em Guaratiba, RJ, em esfagnum e em cachet-pot de madeira. A espécie é brasileira, ocorrendo originalmente em áreas de restinga, do RS ao RJ.

Foto: Carlos Keller.

Editorial

Extinção é para sempre!

As políticas públicas para preservação de reservas e áreas de proteção ambiental, tem sido negligenciadas no Brasil. A falta de fiscalização, a corrupção, interesses econômicos, e ineficiência da justiça, compõe este cenário triste que contrapõe a nossa beleza tropical.

A expansão agrícola destroi milhares de hectares/ ano e nossa biodiversidade é substituída por monoculturas. Espécies são extintas sem terem sido ao menos identificadas pela ciência. E é neste panorama que avança este terrível legado que deixamos para as futuras gerações.

Em alguns de nossos estados restam apenas fragmentos de mata nativa. A flora e a fauna remanescentes, ilhadas pelas monoculturas, sofrem agora o efeito de agrotóxicos, herbicidas, inseticidas, fungicidas e queimadas.

Se o Planeta Terra for um ser vivo como sustenta a hipótese de Gaia formulada por James Lovelock, na qual a biosfera é capaz de gerar, manter e regular suas próprias condições de meio ambiente, é uma temeridade tentar mudar este equilíbrio, substituindo a biodiversidade por monoculturas, podemos estar condenando o Planeta à morte.

Há mister que mudemos este paradigma, o custo deste "celeiro agrícola" é muito alto para a VIDA do Planeta.

As Sociedades orquidófilas devem ser meios mais ativos para difundir a idéia de preservação ambiental associada a sua bandeira, a orquídea.

Carlos Eduardo Martins Carvalho

A FAMÍLIA ORCHIDACEAE EM FRAGMENTOS DE MATA ATLÂNTICA NO MUNICÍPIO DE CONGONHINHAS, PARANÁ, BRASIL

Sergio Aparecido Tozzo*¹ & Sandremir de Carvalho²

1- Rua Otacílio Sales do Nascimento, 179, CEP: 86320-000
Congonhinhas – Paraná - e-mail: stozzo@gmail.com

2- UENP - Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Cornélio Procopio, Departamento de Biologia, Rua Portugal, 340, Centro, Cornélio Procopio - PR – 86300-000

The Orchidaceae family in fragments of Atlantic Forest in the municipality of Congonhinhas, Paraná, Brazil.

Abstract: This work is a survey of the Orchidaceae family carried out in a fragment of the Atlantic Forest in Congonhinhas municipality, State of Paraná, Brazil. The investigation was based on weekly sampling taken from January 2005 to September 2006. The Orchidaceae family is represented in the fragments by 2 subfamilies: Epidendroideae and Orchidoideae, 24 genera and 47 species. The genera with higher diversity are *Pleurothallis* with 11 species and *Oncidium* with 8 species; *Maxillaria*, *Miltonia*, *Gomesa*, *Leptotes* and *Cyclopogon* with 2 species each one, the others genera with 1 species each one.

Key words: Orchidaceae, Congonhinhas, Atlantic Forest.

Resumo: Este trabalho consiste em um levantamento das espécies da família Orchidaceae que ocorrem naturalmente em fragmentos de Mata Atlântica no Município de Congonhinhas, Estado do Paraná, Brasil, realizado no período de janeiro de 2005 a setembro de 2006. Nos fragmentos florestais amostrados a família Orchidaceae está representada por 2 subfamílias: Epidendroideae e Orchidoideae, 24 gêneros e 47 espécies. Os gêneros com maior riqueza específica são *Pleurothallis* com 11 espécies, *Oncidium* com 8 espécies; *Maxillaria*, *Miltonia*, *Gomesa*, *Leptotes* e *Cyclopogon* com duas espécies cada um e os outros gêneros representados por uma espécie cada um.

Palavras chave: Orchidaceae, Congonhinhas, Mata Atlântica.

INTRODUÇÃO

Segundo (Dressler, 1993), a família Orchidaceae apresenta 800 gêneros e 20.000 espécies, excluindo os híbridos artificiais. No Brasil, Pabst & Dungs (1975, 1977), na última grande revisão das espécies brasileiras, apontaram cerca de 2.350 espécies e 191 gêneros. Atualmente ocorrem cerca de 2.400 espécies (Barros 1996).

Especificamente para o Estado do Paraná, poucas são as informações sobre as espécies de orquídeas que ocorrem ou são endêmicas deste Estado. Para o Município de Congonhinhas a situação é mais crítica, pois não há nenhum trabalho registrando as orquídeas de sua flora.

Considerando a velocidade com que os fragmentos florestais nativos são destruídos no Estado do Paraná e principalmente neste Município, justifica-se o levantamento das espécies de orquídeas existentes nos fragmentos florestais remanescentes, para futuros estudos de preservação e reposição das espécies ameaçadas de extinção.

MATERIAL E MÉTODOS

O Município de Congonhinhas está localizado a uma latitude de 23° 33' Sul e uma longitude de 50° 34' Oeste; com altitude média de 839 m e superfície de 539,04 km², sendo que, 66% do Município esta localizado na Bacia do Rio das Cinzas e 34% na Bacia do Rio Tibagi (Almeida *et al.*, 2000).

Segundo o IBGE (1993), a vegetação do município de Congonhinhas constitui-se na sua maioria de Floresta Estacional Semidecidual e uma pequena área de transição para Floresta Ombrófila Mista. No passado esta vegetação cobria todo o Município, hoje, quase toda a área foi reduzida à vegetação secundária e atividades agropecuárias, restando muito pouco das florestas originais.

Para o desenvolvimento deste trabalho foram realizadas visitas semanais a 27 áreas remanescentes de Mata Atlântica existente no Município de Congonhinhas (figura 01), no período de janeiro de 2005 a setembro de 2006.

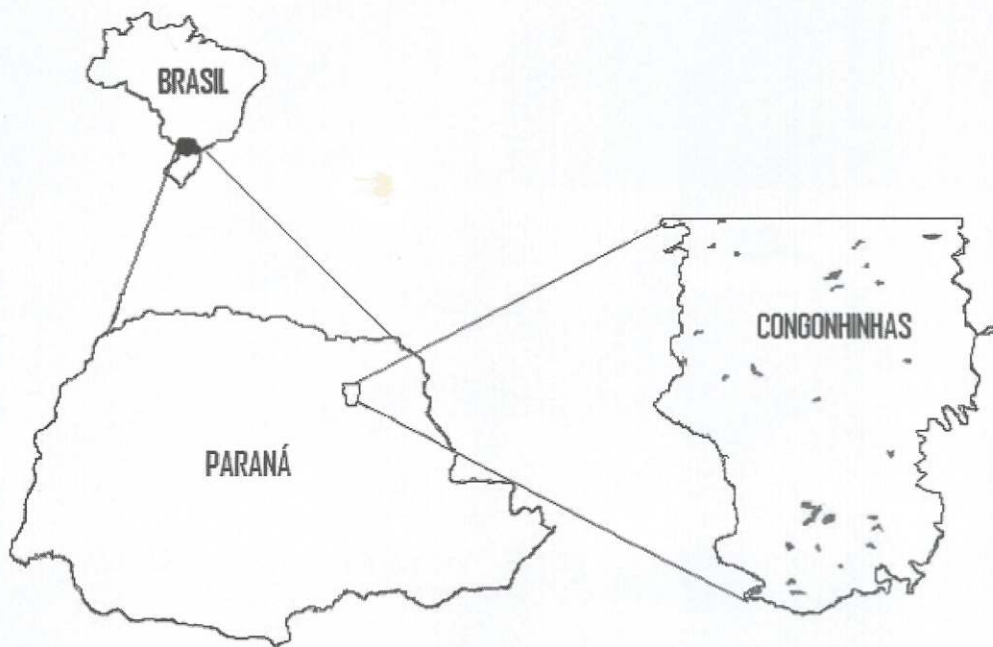


Figura 1. Mapa de localização do município de Congonhinhas.

Inicialmente foram localizadas as espécies nas áreas de estudo, as que apresentavam flores, tiveram suas estruturas (Raízes, caules, pseudobulbos, folhas, inflorescências e partes florais) fotografadas. Foram registrados dados referentes às épocas de floração e formas de vida.

As identificações taxonômicas foram feitas através de consulta a bibliografia especializada (Hoehne 1940, 1942, 1945; Pabst & Dungs 1975, 1977 e Cogniaux, 1893-1906). As fotografias foram feitas com câmera digital.

RESULTADOS

No Município de Congonhinhas a família Orchidaceae está representada por 24 gêneros e 47 espécies. Deste total 39 são epífitas, 07 terrestres e uma saprófita. Os 24 gêneros encontrados no município estão subordinados a duas subfamílias: a subfamília Epidendroideae (tabela 01) é a maior com dezenove gêneros, seguida da subfamília Orchidoideae (tabela 01) com cinco gêneros. *Pleurothallis* e *Oncidium* apresentam o maior número de espécies, 11 e 08, respectivamente, seguidos por *Maxillaria*, *Gomesa*, *Miltonia*, *Leptotes* e *Cyclopogon* com duas espécies e os demais com apenas uma.

Alguns táxons não foram identificados em nível específico, pois não floresceram durante a realização deste trabalho. Das 47 espécies encontradas apenas, *Warrea warreana* (figura 2), *Leptotes unicolor* (figura 3), *Maxillaria chrysantha* (figura 4), *Miltonia regnellii* (figura 15), *Leptotes bicolor*, *Zygopetalum maxillar*, *Catasetum fimbriatum* e *Miltonia flavescens* possuem flores grandes, as demais espécies, como *Capanemia micromera* (figura 5), *Lankesterella ceracifolia* (figura 6), *Oncidium hians* (figura 7), *Pleurothallis sonderana* (figura 8), *Oeceoclades maculata* (figura 9), *Cyclopogon longibracteatus* (figura 10) e *Mesadenella cuspidata* (figura 11), possuem pequenas flores.



Figura 2. *Warrea warreana*



Figura 3. *Leptotes unicolor*



Figura 4. *Maxillaria chrysantha*



Figura 5. *Capanemia micromera*



Figura 6. *Lankesterella ceracifolia*



Figura 8. *Pleurothallis sonderana*



Figura 10. *Cyclopogon longibracteatus*



Figura 12. *Epidendrum densiflorum*



Figura 14. *Pleurothallis crinita*



Figura 7. *Oncidium hians*



Figura 9. *Oeceoclades maculata*



Figura 11. *Mesadenella cuspidata*



Figura 13. *Ornithophora radicans*



Figura 15. *Miltonia regnellii*

TABELA 01: ORCHIDACEAE ENCONTRADAS NO MUNICÍPIO DE CONGONHINHAS - PR

Subfamília	Táxon	Formas de vida	Época de floração
Epidendroideae	<i>Campylocentrum pauloense</i> Hoehne & Schltr.	E	I
	<i>Capanemia micromera</i> Barb. Rodr.	E	I
	<i>Catasetum fimbriatum</i> (C. Morr.) Lindl. & Paxton	E	V
	<i>Encyclia patens</i> Hook.	E	I
	<i>Epidendrum densiflorum</i> Hook.	E	O
	<i>Gomesa crispa</i> [Lindley] Klotzsch ex Rchb.f	E	I
	<i>Gomesa recurva</i> Lodd.	E	V
	<i>Govenia</i> sp	T	*1
	<i>Leptotes bicolor</i> Lindley	E	I
	<i>Leptotes unicolor</i> Barb. Rodr.	E	O-I
	<i>Maxillaria chysantha</i> Barb. Rodr.	E	I
	<i>Maxillaria juergensii</i> Schltr.	E	I
	<i>Miltonia flavescens</i> Lindley	E	I-P
	<i>Miltonia regnellii</i> Rchb.f	E	V
	<i>Octomeria micranta</i> Barb. Rodr.	E	*2
	<i>Octomeria pinicola</i> Barb. Rodr.	E	*2
	<i>Oeceoclades maculata</i> (Lindl.) Lindl.	T	V
	<i>Oncidium cornigerum</i> Lindl.	E	V
	<i>Oncidium cruciatum</i> Rchb. f.	E	I
	<i>Oncidium flexuosum</i> Sims.	E	I
	<i>Oncidium hians</i> Lindl.	E	V
	<i>Oncidium longicornu</i> Mutel	E	I
	<i>Oncidium pumilum</i> Lindley	E	I
	<i>Oncidium</i> sp1	E	*1
	<i>Oncidium</i> sp2	E	*1
	<i>Ornithophora radicans</i> (Linden & Rchb.f.) Garay & Pabst.	E	V
	<i>Pleurothallis crinita</i> Barb. Rodr.	E	I
	<i>Pleurothallis holffmannseggiana</i> Rchb. f.	E	I
	<i>Pleurothallis luteola</i> Lindl.	E	V
	<i>Pleurothallis muscicola</i> Barb. Rodr.	E	I
	<i>Pleurothallis pubescens</i> Lindl.	E	V
	<i>Pleurothallis saundersiana</i> Rchb.f.	E	V
	<i>Pleurothallis sonderana</i> Rchb. f.	E	V
	<i>Pleurothallis tripterantha</i> Reichb.f.	E	V-O
	<i>Pleurothallis</i> sp 1	E	*1
	<i>Pleurothallis</i> sp 2	E	*1
	<i>Pleurothallis</i> sp 3	E	*1
	<i>Stanhopea</i> sp	E	*1
	<i>Warrea warreana</i> (Lodd. Ex Lindl.) C. Schweinf.	T	P-V
	<i>Wulfschlaegelia</i> sp	S	*1
	<i>Zigopetalum maxillare</i> Lodd.	E	V
Orchidoideae	<i>Cyclopogon longibracteatus</i> (Barb. Rodr.) Schltr.	T	I
	<i>Cyclopogon</i> sp	T	*1
	<i>Lankesterella ceracifolia</i> (Barb.Rodr.) Mansf.	E	I
	<i>Mesadenella cuspidata</i> (Lindl.) Garay	T	V
	<i>Sarcoglottis</i> sp	T	*1
	<i>Sauroglossum nitidum</i> (Vell.) Schltr.	T	I
Formas de Vida: (E) epífita; (T) terrestre; (S) saprófita. Época de floração: (P) primavera; (V) verão; (O) outono; (I) inverno *1: Táxons que não floresceram durante a realização deste trabalho *2: Táxons que floresceram várias vezes ao ano			

CONCLUSÃO

A ausência de trabalhos anteriores não nos permite fazer uma avaliação das espécies que desapareceram da área. Das espécies encontradas, *Epidendrum densiflorum* (figura 12), *Pleurothallis crinita* (figura 14), *Miltonia regnellii* (figura 15), *Ornithophora radicans* (figura 13), *Octomeria micranta*, *Pleurothallis tripterantha*, *Miltonia flave-scens*, *Octomeria pinicola* e *Wulfschlaegelia* sp são as espécies mais ameaçadas.

Para a preservação destas espécies, sugere-se imprimir esforços no sentido de preservar o habitat destas orquídeas, principalmente a mata ciliar.

AGRADECIMENTOS

A Faculdade Estadual de Filosofia Ciências e Letras de Cornélio Procopio pela oportunidade de realização deste trabalho.

Aos Srs. Julio Isao Sera, Aparecido Pereira da Silva e ao professor Santino Gonçalves pelo apoio no trabalho de campo.

Ao Departamento de Agricultura e Meio Ambiente do Município de Congonhinhas, pelo apoio logístico e pelo empenho em conhecer e preservar a biodiversidade vegetal no município.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

ALMEIDA, B. L.; ALEMÃO, A. B. C.; PADRE, A. D.; GRANDI, B.; SCUCUGLIA, C. L.; RONQUE, E. R. V.; RASLAN, M. A.; BERTAPELLI, M.; ALVES, M. C.; LUZ, O. O.; SOUZA, R. E.; FARIA, R. M.; KATTO, S. 2000. Cenários do norte pioneiro do Paraná. Curitiba: EMATER-PR, 174 p.

BARROS, F. 1996. Notas taxonômicas para espécies brasileiras dos gêneros *Epidendrum*, *Platytele*, *Pleurothallis* e *Scaphyglottis* (Orchidaceae). Acta bot. bras. 10 (1): 139 – 151.

COGNIAUX, A. 1893-1906. Orchidaceae. In: Flora brasiliensis (C.F.P. Martius, A.G. Eichler & I. Urban, eds.) Vol 3 Part 4 pag. 1-652 tab. 1-133; Vol 3 Part 5 pag. 1-642 tab. 1-119; Vol 3 Part 6 pag. 1-588 tab. 1-120. Munique, R. Oldenbourg.

DRESSLER, R. L. 1993. Phylogeny and classification of the Orchid family. Dioscorides Press, Portland.

HOEHNE, F.C. 1940. Orchidáceas. Pp. 1-254. In: F.C. Hoehne (ed.). Flora Brasílica 12(1). São Paulo, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HOEHNE, F.C. 1942. Orchidáceas. Pp.1-218. In: F.C. Hoehne (ed.). Flora Brasílica 12(6). São Paulo, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

HOEHNE, F.C. 1945. Orchidáceas. Pp.1-389. In: F.C. Hoehne (ed.). Flora Brasílica 12(2). São Paulo, Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

IBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 1993 [1988]. Mapa de Vegetação do Brasil. Rio de Janeiro: IBGE.

PABST, G. F. J. & DUNGS, F. 1975. Orchidaceae Brasiliensis. Band I Brücke-Verlag Kurt Schmiersow, Hildesheim.

PABST, G. F. J. & DUNGS, F. 1977. Orchidaceae Brasilienses. Band II, Kurt Schmiersow. Hildesheim.

**Acervo da família Orchidaceae no Herbário do Instituto de Ciências
Biológicas e Ambientais da Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro.**

Regina Helena Potsch Andreato¹, Carlos Reif¹ e Maria da Penha Fagnani²

1- Universidade Santa Úrsula, Centro de Ciências Biológicas e Ambientais, Laboratório de Angiospermas. Bolsista CNPq. Rua Fernando Ferrari 75, CEP 22231-040, Rio de Janeiro, RJ, regina.andreato@gmail.com

2- Rua das Palmeiras, 93 apt 803, CEP 22270-070, Rio de Janeiro; mfagnani@ccard.com.br

Collection of Orchidaceae at the herbarium of the Biological and Environmental Sciences Institute, Santa Úrsula University, Rio de Janeiro.

Abstract: The aims and methods of a herbarium is presented showing the case of Santa Úrsula University herbarium and its Orchidaceae collection.

Resumo: Os objetivos e métodos de um herbário são apresentados, exemplificados pelo herbário da Universidade Santa Úrsula e sua coleção de Orchidaceae.

Ao longo da história, coleções biológicas têm sido repositórios estáticos de informação, catalogando espécimes e realizando atividades de análises sistemáticas. Com a evolução da ciência e com a demanda por dados sobre espécies e espécimes por diferentes disciplinas e áreas de conhecimento, as coleções não podem mais ser uma mera constatação da existência de determinados organismos no passado. Sua missão deve ser a de documentar, compreender e educar o mundo sobre a vida em nosso planeta, no passado e no presente. Devem ser centros pró-ativos na pesquisa, na educação e na conservação da biodiversidade (Canhos *et al.* 2006). Entre estas coleções destaca-se a Botânica.

Um Herbário representa uma coleção de plantas tecnicamente desidratadas, registradas, identificadas e organizadas em ordem alfabética ou tomando-se por base, em geral, um sistema de classificação botânico. O acervo nele contido é uma fonte de consulta para os mais diversos fins científicos, especialmente os relacionados a estudos taxonômicos e florísticos (Figura 1). As plantas após a coleta devem ser herborizadas, isto é, dispostas em folhas de jornal, prensadas, secas em estufa, montadas em cartolina e protegidas por uma capa dupla, denominadas respectivamente “camisa” e “saia”, etiquetadas com uma ficha onde constam todas as informações oriundas da caderneta do coletor responsável por esta tarefa, durante o trabalho de campo, para posterior identificação botânica em nível específico. Cada planta, então designada exsicata (Figura 2), deve ser registrada em um livro tombo (de registro), para depois ser organizada e guardada em armários hermeticamente fechados, que devem ser limpos e conservados de modo a inibir a ação de fungos e insetos.



Figura 1. pesquisadora observando um exemplar de *Cattleya guttata* Lindl.

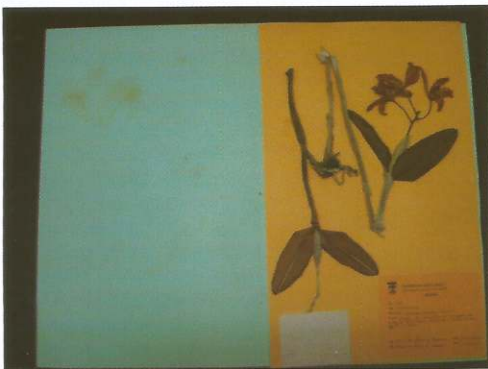


Figura 2. Exsicata de *Cattleya guttata* Lindl. com saia e camisa no padrão RUSU.

As coleções herborizadas são importantes para documentação da flora local, permitindo por exemplo, o reconhecimento de novas ocorrências para a área estudada, informações sobre o tipo de ambiente, forma de vida, época de floração e frutificação, nome popular, uso etc.

Atualmente esta tradicional, e até hoje, insubstituível fonte de informação que é um herbário vem ganhando novos recursos. Com o desenvolvimento e popularização de tecnologias tais como máquinas de fotografia digitais e aparelhos de posicionamento global (GPS) aliados à capacidade de difusão de informação da Internet, enormes bancos de dados estão sendo colocados à disposição on-line, permitindo ao interessado consultar herbários do mundo todo pela tela do computador e obter diversas informações acerca das plantas.

O herbário do Instituto de Ciências Biológicas e Ambientais da Universidade Santa Úrsula (sigla RUSU), foi iniciado em 1967 pela Profa. Dra. Maria de Fátima Maron Ramos, Coordenadora do Curso de Ciências Biológicas na época e atual Chanceler da Universidade (Figura 3). Os primeiros exemplares foram obtidos através de excursões realizadas principalmente no Brasil, nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, e na Argentina (Patagônia), das quais participaram professores e estudantes sob orientação da Dra. Maria de Fátima e do Prof. Dr. Carlos Toledo Rizzini. Ao longo do tempo este acervo foi crescendo sempre com a participação do corpo docente e discente em todas as etapas desse trabalho. Nos últimos quinze anos o enriquecimento do acervo tem sido muito grande devido, principalmente, aos projetos relacionados aos inventários florísticos realizados em áreas selecionadas do estado do Rio de Janeiro, e trabalhos taxonômicos realizados com diversas famílias, coordenado pela equipe de professores e estagiários do Laboratório de Angiospermas do Instituto de Ciências Biológicas e Ambientais.



Figura 3: Coleção do acervo RUSU, destacando-se a família Orchidaceae.

O acervo conta no momento com cerca de 15.000 espécimes de Criptógamos e Fanerógamos abrangendo todos os grupos vegetais. As Angiospermas estão melhor representadas nas seguintes áreas: no Estado do Rio de Janeiro- Parque Nacional do Itatiaia (Itatiaia), Fazenda Pedra Negra, APA do Desengano (Campos), Morro Alto Mourão (Itaipuaçu), Morro Mundo Novo, Parque Estadual da Pedra Branca, Prainha, Grumari, Recreio dos Bandeirantes (Rio de Janeiro), Restinga de Carapebus, Sampaio Corrêa (Saquarema), Reserva Rio das Pedras (Mangaratiba), Granja Monte Olivete (Guapimirim), Fazenda São José das Paineiras (Mendes); no Estado de São Paulo- Mata do Zoológico (Fernandópolis); no Estado do Espírito do Santo- Restinga de Setiba (Guarapari); no Estado de Minas Gerais- Serra do Cipó (Diamantina), Parque Estadual do Rio Doce e Paraopeba; no Estado de Tocantins- Reserva da FAB (Porto Nacional); no Estado do Amazonas- Serra do Navio; no Estado do Acre- Cruzeiro do Sul (Olaria). Entre as Criptógamas as Algas Marinhas formam a maior coleção, incluindo material de Puerto Deseado (Patagônia - Argentina) e do Estado do Rio de Janeiro, principalmente da Baía de Sepetiba. As Pteridófitas estão representadas com cerca de 800 espécimes dentre os quais se encontra o material-tipo (holótipo) de *Adiantum mynsseniae* J. Prado, coletado na Reserva Rio das Pedras, e recentemente estudado e descrito por Prado (2004).

Todo este acervo está sendo informatizado utilizando - se o programa Sistema para Herbários (SH), desenvolvido pelo analista de sistemas Marcus Gessner de Pinto Lopes, de modo a facilitar e agilizar o acesso.

A família Orchidaceae está representada no acervo por cerca de 200 espécimes provenientes principalmente do Estado do Rio de Janeiro e, em menor escala de Minas Gerais, Acre, Amazonas e Ceará. As coleções mais representativas são as de J.M.A. Braga, M.G. Bovini, M.P.K. Fagnani, J.A. Lira Neto, E. Saddi e A.M. Camerik, que correspondem a coletas realizadas em Guapimirim, Botafogo (Morro Mundo Novo), Mangaratiba (Reserva Rio das Pedras), e fora do Brasil os países mais representados são a Áustria e Holanda. São registrados os seguintes gêneros até o momento: *Beadlea*, *Bifrenaria*, *Brassavola*, *Bulbophyllum*, *Campylocentrum*, *Cattleya*, *Cirrhaea*, *Cochleanthes* sp. *Constantia*, *Cleistes*, *Cyclopogon*, *Cyrtopodium*, *Dichaea*, *Dipteranthus*, *Elleanthus*, *Eltroplectris*, *Encyclia*, *pipactis*, *Epidendrum*, *Erythroides*, *Euristylis*, *Galeandra*, *Gomesa*, *Gongora*, *Gymnadenia*, *Habenaria*, *Hapalorchis*, *Isochilus*, *Laelia*, *Lankesterella*, *Leptotes*, *Liparis*, *Listera*, *Malaxis*, *Masdevallia*, *Mesadenella*, *Miltonia*, *Octomeria*, *Oeceoclades*, *Oncidium*, *Orchis*, *Ornithidium*, *Pelexia*, *Pleurothallis*, *Polystachia*, *Prescottia*, *Promenaea*, *Prosthechea*, *Sacoila*, *Sarcoglottis*, *Stanhopea*, *Stelis*, *Stenorrhynchus*, *Tetragamestus*, *Wulschlaegelia*, *Xylobium*.

Dentre as áreas estudadas pela equipe do Laboratório de Angiospermas da Universidade Santa Úrsula, a mais bem representada em relação às Orchidaceae é a Reserva Rio das Pedras, em Mangaratiba (RJ). Saddi *et al.* (2004) assinalam para a área, nada menos do que 88 espécies em 43 gêneros como por exemplo *Masdevallia curtipes* Barb. Rodr. (Fig. 4) e *Laelia crispa* (Lindl.) Rchb f. (Fig. 5). Todas as espécies coletadas encontram-se depositadas no RUSU.



Figura 4. *Masdevallia curtipes* Barb. Rodr. na Reserva Rio das Pedras (foto: E. Saddi)



Figura 5. *Laelia crispa* (Lindl.) Rchb f. na reserva Rio das Pedras (foto: E. Saddi).

Na história da Classificação das Orchidaceae, sentimos muito bem a falta de uma coleção herborizada, como a de Rudolph Schlechter, destruída durante a II Guerra Mundial, pois foi ele um dos que mais descreveu espécies novas. Outro exemplo clássico é o de João Barbosa Rodrigues que, ao estudar as espécies brasileiras de orquídeas, as coletou e herborizou porém em virtude da perda de suas coleções numa catástrofe natural, suas ilustrações tornaram-se os tipos nomenclaturais das espécies novas por ele descritas (Ormindo, 2005). Nestas situações muitas espécies estão representadas apenas pelas estampas, que se tornaram os únicos elementos disponíveis para análise e que, ao serem escolhidas pelos pesquisadores para tomar o lugar do material-tipo, são então designadas de lectótipos segundo o Código Internacional de Nomenclatura Botânica (McNeill *et al.* 2006). Uma versão antiga deste código, está disponível em inglês na Internet no endereço <http://www.bgbm.org/iapt/nomenclature/code/tokyo-e/Contents.htm> e a mais recente está ainda em preparo para ser disponibilizada da mesma maneira.

A avaliação das coleções depositadas em herbários tem se mostrado muito eficaz para subsidiar análises históricas e atuais da flora brasileira, tornando-se uma estratégia relevante do conhecimento e conservação da diversidade vegetal do país.

Agradecimentos:

Ao Biólogo Eduardo Saddi pelas informações e fotos à respeito das Orquídeas da Reserva Rio das Pedras. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela bolsa de Produtividade de Pesquisa de Regina Andreatta.

Referências bibliográficas:

Canhos, D.A.L., Canhos, V.P. et Souza, S. 2006. Coleções Biológicas e Sistemas de Informação. In: Kury, A. B. *et al.* Diretrizes e estratégias para modernização de coleções biológicas brasileiras e consolidação de sistemas integrados de informação sobre biodiversidade. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, Ministério da Ciência e Tecnologia, 324p.

McNeill, J., Barrie, F. R., Burdet, H. M., Demoulin, V., Hawksworth, D. L., Marhold, K., Nicolson, D. H., Prado, J., Silva, P. C., Skog, J. E., Wiersema, J. H. & Turland, N. J. (eds.) 2006. International Code of Botanical Nomenclature (Vienna Code) adopted by the Seventeenth International Botanical Congress Vienna, Austria, July 2005. Gantner Verlag, Ruggell, Liechtenstein.

- Ormindo, P. 2005. João Barbosa Rodrigues – Cientista ilustrador. *Orquidário* 19 (2): 56-67.
- Prado, J. 2004. Nomenclatural corrections in *Adiantum*. *American Fern Journal* 94 (2): 112.
- Saddi, E.M., Lopes, R.C. & Andreata, R.H.P. 2004. Floristics and conservation of *Orchidaceae* at Rio das Pedras Reserve. *Selbyana* 25(2): 155- 162.



ORQUIDÁRIO TRAVIÚ PENEDO
PRODUÇÃO PRÓPRIA EM PENEDO-RJ
HORST E IELÉM HOLLAND

ESTRADA RESENDE - MAUA - PENEDO SHOPPING - LOJA 34
 CEP-27580.000 - HORSTPENEDO@IG.COM.BR
 TEL.(24) 3351 1081



Futuro Fertil **Distribuidora dos Fertilizantes** **Plant-Prod**

- SEMENTES
- FERTILIZANTES
- HERBICIDAS
- INSETICIDAS
- TUBOS • ARAMES

**Linha orgânica,
 Linha de irrigação,
 Substratos etc...**

ST Irajá Agrícola Ltda. CNPJ 03.656.245/0001-60 I.E 77.046.984
Av. Brasil, 19.001 • Loja 2 e 4 • Pav. Manutenção • CEASA • Irajá
21530-000 Rio de Janeiro RJ • Tels. (21) 2471-2568 / 2471-2569
fernando.rezende@futurofertil.com.br

Proposta de Classificação das Variedades da *Cattleya intermedia* Graham ex Hooker

Carlos Gomes
Florianópolis – SC

www.orquidariocarlosgomes.com

A Proposal for the classification of *Cattleya intermedia* Graham ex Hooker varieties

Three categories are established to accommodate 29 varieties of *Cattleya intermedia*. This new classification system will assist the hobbyists and the judges in the analysis of the color and form of flowers.

Três categorias foram criadas para acomodar 29 variedades da *Cattleya intermedia*. Esta nova classificação ajudará os amadores e juizes na análise das cores e formas das flores.

Introdução

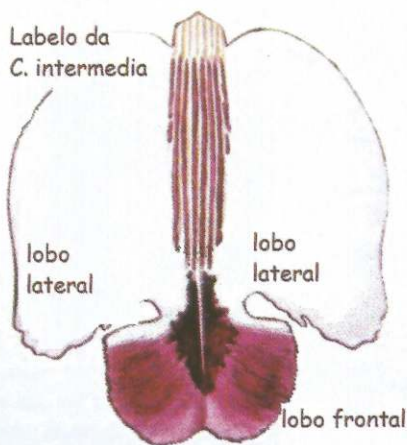
Um sistema de classificação de orquídeas deve ter critérios claros, bem definidos e de fácil entendimento, mesmo para iniciantes nessa arte maravilhosa que é cultivar orquídeas.

Nas exposições de *Cattleya intermedia*, é comum encontrarmos plantas classificadas erroneamente e pessoas com dificuldade de entendimento das diferenças entre as variedades.

Essa é também a maior dificuldade dos orquidófilos iniciantes, que gostam de classificar corretamente suas plantas. O presente trabalho é uma proposta de classificação das variedades da *Cattleya intermedia* Graham ex Hooker, tendo como base o Regulamento da FGO (Federação Gaúcha de Orquidófilos).



C. intermedia 'Figueirinha II'



Labelo da *C. intermedia*

As premissas que formam a base deste trabalho são:

- 1) a simplificação, de modo a tornar fácil o entendimento da classificação das variedades, condição básica para que iniciantes entendam e tomem gosto pela arte de cultivar e colecionar a *Cattleya intermedia*.
- 2) a sistematização das características da categoria I, variedades de forma da flor, que define as flores pelóricas e suas descendentes, fonte de intermináveis discussões.
- 3) a dependência ou não do colorido da flor para definir as categorias II e III.



Forma da flor (flâmea)



Forma de colorido (marginata)



Forma da flor (flâmea) Colorido (Cerulea)

4) a predominância da forma da flor sobre a forma do colorido e desta sobre o colorido. Não consideramos como variedade a simples mudança de cor de algumas variedades de forma ou de forma de colorido, como as orlatas vinicolores, as marginatas cerúleas, as flâneas frezinas, etc..

Como a forma sempre tem predominância sobre o colorido, entendemos que essas flores devem se encaixar nas variedades de forma e forma do colorido, ou seja, continuam sendo “flâneas”, “orlatas” e “marginatas”, independentemente do colorido. Apenas coloca-se o colorido após a variedade.

Quanto às variedades de forma dupla como as flâneas orlatas, aquiiniis marginatas, etc., consideramos que devem ser classificadas pela forma da flor, a qual deve ter predominância sobre a forma do colorido, isto é, continuam sendo flâneas, aquiiniis, etc., independentemente do colorido e da forma do colorido.

Também colocamos um comentário, em cada variedade, tentando dar uma idéia do estado atual do melhoramento da variedade e orientando para maior ou menor exigência no julgamento. Para um guia de julgamento da *Cattleya intermedia*. Deve-se entender que o conceito de “variedade” usado neste trabalho é horticultural, usado e aceito há décadas por orquidófilos e colecionadores de orquídeas. Não é o conceito botânico.

São três categorias para a classificação da *C. intermedia*, em ordem decrescente de predominância. Cada categoria contém as variedades agrupadas por características comuns, totalizando 29 variedades:

categoria I pela forma da flor:	categoria II pela forma do colorido da flor:	categoria III pelo colorido da flor:
1) pelórica 2) aquinii 3) flâmea 4) georgiana 5) bergeriana	1) suave 2) albescens 3) punctata 4) maculata 5) orlata 6) marginata 7) multiforme 8) oculata 9) pseudo-tipo 10) striata 11) venosa	1) tipo 2) bordô 3) cerúlea 4) roxo-violeta 5) semi-alba 6) fresina 7) lilasina 8) roxo-bispo 9) vinicolor 10) alba 11) concolor 12) rubra 13) sangüínea

As categorias I e II são variedades independentes do colorido da flor, as flores dessas categorias podem ter qualquer cor.

A categoria III é totalmente dependente do colorido da flor.

A forma da flor tem predominância sobre a forma do colorido que por sua vez tem predominância sobre o colorido. Por exemplo: flor “flâmea orlata vinicolor” pertence à variedade “flâmea”.

Quando houver dupla forma do colorido, como por exemplo, “punctata marginata”, a forma de colorido das pétalas e sépalas deve ter predominância sobre a forma de colorido do labelo.

Categoria I — variedades classificadas pela forma da flor.

São as plantas com alterações na morfologia, ou seja, da forma da flor, aquelas que fogem da estrutura da flor tipo com três sépalas, duas pétalas e um labelo nas formas normais.

Essas variedades derivam da flor trilabelóide onde as pétalas normais são substituídas por outras na forma de labelo aberto (fenômeno semelhante ocorre com a substituição do labelo por uma pétala gerando as chamadas tripetalóides, mais raras nas *Cattleyas* bifoliadas.)

Com a transformação das pétalas em labelos abertos, estas tendem a imitar o mesmo tanto em forma quanto em colorido e posição na flor (forma pelórica). Com a diminuição da influência do labelo nas pétalas, através de cruzamentos com flores tipo, por exemplo, formaram-se as outras variedades que nada mais são do que trilabelóides com dominância decrescente do labelo. Tecnicamente são *formas* de flores diferentes, mas vamos chamar de variedades para simplificação do assunto. Todas essas variedades são independentes do colorido. O que as caracteriza é a forma.

Assim, esta categoria inclui do grau mais forte de dominância do labelo, para o mais fraco, as variedades:

1) pelórica - pétalas, sépalas e lobos laterais do labelo de qualquer cor. Caracteriza-se pela convexidade das pétalas em maior grau e um estrangulamento no terço terminal das mesmas com nítida separação (corte) dos lobos laterais e frontal, imitando fortemente a forma do labelo.

Inclui as verdadeiras pelóricas, ou seja, aquelas flores que têm simetria radial. Poucas plantas entram nessa categoria e ela inclui as “trilabelos” e as “tripétalas” de qualquer colorido.



C. intermedia var. pelórica 'Ernesto'



C. intermedia var. pelórica cerúlea

2) aquinii - pétalas, sépalas e lobos laterais do labelo de qualquer cor. Caracteriza-se por ter pétalas largas com convexidade em menor grau que as “pelóricas” e um estrangulamento no terço terminal das mesmas, as quais apresentam, em suas extremidades, duas grandes máculas (exceto no caso das albas e concolores), imitando o labelo em forma e cor.

Aqui entram a “Aquinii 1”, que originou essa variedade e todas as plantas semelhantes à ela como as aquiniis albas, aquiniis cerúleas, aquiniis vinicolores, aquiniis concolores, aquiniis frezinas, etc.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser largas, arredondadas, com estrangulamento e convexidade semelhantes à “Aquinii 1”. O labelo dever ser tubular com lobo frontal plano. As cores devem ser firmes.



C. intermedia var. *aquinii* 'Aquinii 1'



C. intermedia var. *aquinii* 'Otto'



C. intermedia var. *aquinii* concolor



C. intermedia var. *aquinii* alba



C. intermedia var. *aquinii* cerúlea



C. intermedia var. *aquinii* vinicolor

3) flâmea – caracteriza-se pela intensificação do colorido no terço superior das pétalas formando o típico flameado, além da armação e estrangulamento em qualquer grau, nesse mesmo terço superior. O labelo possui lobo frontal na mesma cor ou mais intensa.

Aqui entram todas as flâmeas, independentemente do colorido. Para uma melhor distinção entre “aquiniis” e “flâmeas”, ver o Anexo 1.



C. intermedia var. flâmea



C. intermedia var. flâmea 'Genésio'

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas com cores firmes. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano.

4) georgiana - pétalas alargadas com pequeno estrangulamento no terço superior das pétalas, apresentando um traço ou risco colorido, longitudinal às pétalas.

O nome é uma homenagem ao orquidófilo Otto Georg, de Novo Hamburgo, grande apaixonado pelas *C. intermedias* e grande melhorador da espécie, tendo produzido plantas de excepcional qualidade, as melhores *C. intermedias* dos últimos anos.



Otto Georg e uma de suas obras primas

Essa variedade engloba aquelas flores de pétalas largas, oriundas de cruzamentos com aquiniis e flâmeas, que perderam quase todo o colorido das pétalas, restando apenas um traço ou risco longitudinal nas mesmas.



C. intermedia var. *georgiana* cerúlea

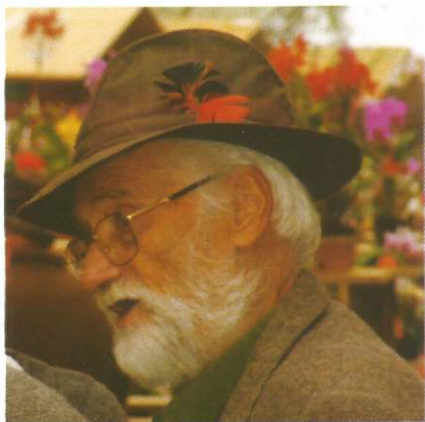


C. intermedia var. *georgiana* 'Linda'

(Nota: hoje essas flores são classificadas como “peloriadas” flameadas ou striatas.)

5) *bergeriana* - pétalas alargadas com pequeno estrangulamento no terço superior das pétalas, lembrando sua origem. (descendência das *aquiniis*)

O nome é uma homenagem ao orquidófilo Alceu Berger, de Santa Cruz do Sul, grande apaixonado pelas intermédias e primeiro que levantou publicamente a polêmica das pétalas largas oriundas das “*aquiniis*”. Esse seria o último estágio antes da pétala larga sem vestígios da “*pelória*”, aquela flor de pétalas arredondadas que os híbridos perseguem nos cruzamentos.



Alceu Berger em Gramado 2005

Essa variedade inclui todas as flores no estágio intermediário entre “*georgiana*” e as pétalas largas sem marcas ou colorido, independente de colorido ou da forma do colorido e que hoje não se encaixam corretamente em nenhuma variedade.

(Nota: hoje essas flores são classificadas como “*peloriadas*” sem mácula.)



C. intermedia var. *bergeriana* alba



C. intermedia var. *bergeriana* concolor



C. intermedia var. *bergeriana* vinicolor 'Cervejinha'



C. intermedia var. *bergeriana* tipo



C. intermedia var. *bergeriana* tipo



C. intermedia var. *bergeriana* Albescens

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano. As pétalas devem ser planas e arredondadas com leve convexidade e marcas suaves de estrangulamento, podendo apresentar pequenas manchas discretas. É uma georgiana sem o risco colorido nas pétalas.

Categoria II — variedades classificadas pela forma do colorido da flor

São aquelas flores em que o colorido forma desenhos na flor, independente do colorido, ou seja, as flores podem ter qualquer cor, o que define a variedade é a forma do colorido e não a cor propriamente dita. São elas:

As variedades de forma de colorido das pétalas e sépalas tem predominância sobre as variedades de forma de colorido do labelo. Por exemplo: flor striata e orlata pertence à variedade “striata”. Flor com pintas e marginata pertence à variedade “puntata”. Ou seja, “puntatas”, “maculatas”, “striatas” e “venosas” tem predominância sobre “orlatas”, “marginatas”, “multiformes”, “oculatas” e “pseudo-tipos”.

1) suave - pétalas e sépalas brancas ou com leve sopro colorido. Labelo com lobo frontal de qualquer cor suave. (saturação da cor)



C. intermedia var. suave ‘Kurt’

Essa variedade de forma de colorido suave deve englobar todas as cores, não apenas o rosa ou lilás. O exemplo clássico é a suave ‘Kurt’, mas nada impede que tenhamos flores suaves de outros coloridos.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano. O colorido pode ser qualquer um desde que seja suave.

2) albescens - pétalas, sépalas e labelo brancos, com pequenas pintas de outro matiz, e/ou tendo a coluna rosada.



C. intermedia var. albescens ‘Reliquia 1’



C. intermedia var. albescens ‘Stunpf’ (tetraplóide)

É como uma alba pintalgada, fazendo um belo efeito visual. Raríssimas plantas boas nessa variedade. Atualmente estão surgindo alguns clones melhores. Durante anos a “albescens do Stunpf” foi a melhor albescens existente.

Tecnicamente é uma “alba” com pintas, apesar de algumas apresentarem leve sopro rosado.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano. O colorido deve ser branco homogêneo em toda a flor e as pintas devem ser bem nítidas e bem distribuídas podendo ser de qualquer cor.

3) *puntata* - pétalas e sépalas visivelmente salpicadas de pontos bem pronunciados (pintada). Labelo com lobo frontal de cor mais escura.



C. intermedia var. *puntata* 'CG'



C. intermedia var. *puntata* 'Deschamps'

Variedade com boas plantas conseguidas por cruzamentos. São muito atraentes devido às pintas. Tecnicamente pode ter qualquer cor, como essa “*puntata* cerúlea” abaixo.



C. intermedia 'puntata cerúlea'



C. intermedia var. *maculata*

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e colorido mais forte do que o resto da flor. As pintas devem ser bem nítidas e bem distribuídas, podendo ser de qualquer cor.

4) maculata - caracteriza-se pelas máculas espalhadas nas pétalas e/ou sépalas.

É uma variedade quase artificial, quase todas as plantas colocadas nessa variedade, na verdade, são plantas infectadas com vírus (vírus do mosaico), como essa da foto, que causa o aparecimento de máculas coloridas na flor (“color break”).

Algumas puntatas, às vezes, florescem com pintas aglomeradas e se transformam em maculatas.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas.

As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e colorido mais forte do que o resto da flor. As máculas devem ser bem nítidas e bem distribuídas, podendo ser de qualquer cor. Atenção especial deve ser dada às plantas viróticas que não devem ser expostas nem julgadas.

5) orlata - caracteriza-se pela acentuada coloração nas bordas frontais dos lobos laterais.



C. intermedia var. orlata ‘CG’



C. intermedia var. orlata ‘Vini’

Variedade belíssima, pois apresenta labelo maior e muito colorido, corrigindo uma deficiência do labelo da *C. intermedia* que normalmente é pequeno e desproporcional à flor.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas, largas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e colorido mais forte do que o resto da flor. A parte frontal dos lobos laterais (orlas) deve ter colorido acentuado, igual ao lobo frontal formando uma faixa larga e bem nítida.

6) marginata - caracteriza-se pela propagação do colorido do lobo frontal pelas margens dos lobos laterais, com estas margens voltadas para fora, deixando a coluna, ou parte da mesma descoberta.



C. intermedia var. *Marginata* 'Coelho'



C. intermedia var. *Marginata* 'Ingo'

7) multiforme - caracteriza-se por possuir desenhos variados no lobo frontal do labelo, não se encaixando em nenhuma outra categoria.



C. intermedia var. *multiforme* 'Extra'



C. intermedia var. *multiforme* 'Otto'

Variedade bastante difundida com os novos cruzamentos e com bons exemplares.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas, largas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e apresentando desenhos variados em qualquer colorido.

8) oculata - caracteriza-se por apresentar no lobo frontal do labelo, duas manchas simétricas, bem separadas, como se fossem dois olhos.



C. intermedia var. *oculata* 'Nestor'



C. intermedia var. *oculata* 'Finho'

Outra variedade pobre em exemplares e quase todos de forma ruim. Os dois olhos devem ser bem parecidos e simétricos. Manchas variadas no labelo caracterizam outra variedade, a multiforme.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e com as duas manchas simétricas de qualquer colorido.

9) pseudo-tipo - caracteriza-se por ter o lobo frontal com duas nuances de colorido, separados por uma linha horizontal. A parte de baixo é de colorido mais escuro.



C. intermedia var. pseudo-tipo



C. intermedia striata 'Iwasita'

Variedade com poucas plantas disponíveis. A mais famosa foi a pseudo-tipo 'Kurt'.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano com duas cores.

10) striata - caracteriza-se pelas estrias nítidas ao longo das pétalas e/ou sépalas. (as "estrias" parecem estar pintadas por fora dos segmentos florais)

Variedade rara. As primeiras plantas encontradas eram de sépalas muito estreitas. Através de cruzamentos plantas de melhor forma técnica foram criadas.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. As estrias podem aparecer nas pétalas, nas sépalas ou em ambas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano.

11) venosa - caracteriza-se pelas veias nítidas que apresenta na textura interna dos segmentos florais. (as “veias” parecem estar por dentro dos segmentos florais.)



C. intermedia var. *venosa*

Variedade raríssima. Quase todas descendem da venosa ‘Heitor’, planta de mato. Os cruzamentos feitos com ela, infelizmente, não melhoraram essa variedade.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. As veias devem ser bem nítidas nas pétalas e sépalas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano.

Categoria III — variedades classificadas pelo colorido da flor.

Essa categoria inclui as flores que dependem totalmente do colorido para a sua classificação. Inclui aquelas flores que tem forma semelhante à flor tipo, ou seja, labelo com lobo frontal de cor diferenciada das pétalas e sépalas e mais aquelas flores em que o colorido é homogêneo em toda a flor, como as albas e concolores.

É importante lembrar que a COR é definida por três parâmetros: tonalidade, saturação e brilho. A tonalidade ou matiz é o que identifica a cor. A saturação define a intensidade da cor. O rosa, por exemplo, pode ser suave (algumas concolores), normal (tipos) ou forte (rubras). O brilho revela quanto de branco possui a cor. Quanto maior, mais brilhante. Algumas flores possuem rosa brilhante enquanto outras possuem um rosa fosco, apagado.

1) tipo - pétalas e sépalas na cor rosa claro ou escuro. Labelo com lobo frontal na tonalidade purpúrea.



C. intermedia tipo 'Quantum'



C. intermedia tipo 'Boa Vista'



C. intermedia tipo 'Milionária'

Essa é a mais comum das variedades, pois representa o tipo dominante e que mais existe na natureza. Hoje existem flores tipo grandes e redondas, originárias de flores de pétalas largas coletadas no passado, como a 'Pintada do Tenente', 'Figueirinha' e outras produzidas por cruzamentos, como a 'Quantum', a 'Milionária' e tantas outras.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e colorido purpura.

2) bordô - pétalas e sépalas brancas ou cor de rosa. Labelo com lobo frontal na tonalidade bordô.

Essa é uma variedade muito rara, cujo labelo tem a cor púrpura extremamente escura, semelhante ao vinho da variedade 'Bordeaux'.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e com colorido bem escuro e saturado.



C. intermedia var. bordô



C. intermedia var. cerúlea

3) cerúlea (coerulea ou caerulea) - pétalas e sépalas na cor branca ou azul claro. Labelo com lobo frontal na cor azul, semelhante à cor do céu.

Essa é uma variedade bastante confusa, pois o azulado do labelo costuma ter muita variação da tonalidade e da saturação do azul, o que originou as variedades roxo-violeta, ametistina, cerúlea e cerulensis.

Estamos propondo para a variedade cerúlea apenas aquelas flores com labelo azul claro e com pétalas e sépalas brancas ou levemente azuladas, como a foto acima. Flores com tonalidade azul **escuro** ficarão na variedade seguinte, a roxo-violeta.

A distinção entre as diversas tonalidades de azul é difícil, depende da iluminação ambiente e da percepção visual individual, que varia entre as pessoas. (Ainda na linha da simplificação propomos utilizar o nome aportuguezado “cerúlea” no lugar de “caerulea” ou “coerulea”, nomes esses sem consenso na utilização.)

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e com colorido azul claro.

4) roxo-violeta - pétalas e sépalas na cor branca ou azuladas. Labelo com lobo frontal na cor azul escuro, roxo-violeta ou cor de ametista.



C. intermedia var. roxo-violeta

Essa variedade difere da cerúlea apenas pela tonalidade do azul, lembrando a cor azul escuro da flor da violeta (ou da flor da variedade de *L. purpurata* “aço” ou roxo-violeta).

As tonalidades intermediárias entre as variedades cerúlea e roxo-violeta, são de difícil classificação. Aqui entra também a antiga variedade “ametistina” (ou “amethystina”), idêntica à roxo-violeta. Estamos propondo fundir as variedades roxo-violeta e ametistina numa só, a “roxo-violeta”.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e com colorido azul escuro.

5) semi-alba - pétalas e sépalas brancas. Labelo com lobo frontal purpúreo escuro.



C. intermedia var. semi-alba



C. intermedia var. semi-alba

Variedade muito rara. Poucas plantas ficam realmente semi-albas se abrirem as flores em local iluminado. Muitas tendem a ficar levemente rosadas. Poucas semi-albas legítimas possuem forma boa. O colorido do labelo deve ser púrpura. Outro colorido define outra variedade.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e com colorido púrpura típico da espécie.

6) frezina – pétalas e sépalas na cor branca ou cor de vinho desbotado. Labelo com lobo frontal na cor fresi (vinho rosé.)



C. intermedia var. fresina

Essa variedade é derivada da variedade “vinicolor” ou “vinho” sendo mais conhecida no meio gaúcho. Ainda não possui exemplares de boa qualidade. É idêntica à variedade vinicolor apenas com colorido desbotado.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e com colorido desbotado, típico da variedade

7) lilasina - pétalas e sépalas brancas ou levemente rosadas. Labelo com lobo frontal na cor lilás ou rosa facilmente perceptível.

A diferença entre “lilasina” e “suave” sempre foi a tonalidade do rosa/lilás do labelo, ficando muito difícil separá-las em muitos casos. Propomos essa variedade englobando apenas aquelas flores com colorido do labelo na tonalidade lilás/rosa bem perceptível.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano. O colorido deve ser rosa/lilás bem perceptível não confundindo com a variedade “suave”.



C. intermedia var. lilasina 'CG'



C. intermedia var. roxo-bispo

8) roxo-bispo - pétalas e sépalas brancas. Lobo frontal do labelo com colorido característico roxo-bispo (colorido típico dos Cardeais da Igreja Católica).

Outra variedade bastante rara e difícil de ser distinguida pelo leigo. A cor é a mesma da variedade roxo-bispo da *L. purpurata*.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e arredondadas. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e com colorido roxo-bispo típico.

9) vinicolor - pétalas e sépalas brancas ou coloridas. Lobo frontal apresenta o colorido vinho tinto.



C. intermedia var. vinicolor

Esse é um colorido bastante comum em muitas variedades como aquinii, flâmea, orlata, etc., entretanto, possui poucos exemplares de alta qualidade, mas seu colorido é belíssimo.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano e com colorido vinho tinto forte.

10) alba - pétalas, sépalas e labelo branco puro homogêneo em toda a flor, podendo apresentar, na fauce (garganta), a tonalidade amarela ou creme.



C. intermedia var. alba 'Finho'



C. intermedia var. alba 'Carlos Gomes'

Apesar de bastante comum hoje em dia, essa variedade quase não possui plantas de qualidade, talvez pela pouca quantidade de plantas coletadas e pela forma pobre das plantas de mato.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano. O colorido deve ser branco homogêneo em toda a flor sem nuances de coloridos diferentes, exceto na fauce que pode ter colorido amarelado ou creme.

11) concolor - pétalas, sépalas e labelo rosa claro ou escuro homogêneo em toda a flor, podendo apresentar na fauce, coloração mais clara.



C. intermedia var. concolor 'Maravilha'



C. intermedia var. concolor 'CG'

Variedade bastante rara antigamente, restringindo-se à concolor 'Maria Faceira', tornou-se comum com os cruzamentos e hoje apresenta flores de alta qualidade.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano. O colorido pode variar do rosa claro ao rosa escuro, mas deve ser homogêneo em toda a flor, exceto na fauce que pode ter colorido amarelado ou creme.

12) rubra - pétalas, sépalas e tubo do labelo com colorido vermelho rubro e homogêneo em toda a flor. Labelo com lobo frontal purpúreo escuro, podendo apresentar na fauce (garganta) uma tonalidade mais clara.

Variedade bastante rara e muito confundida com a variedade sangüínea. A maioria das plantas é de baixa qualidade, com pétalas e sépalas estreitas, com raras exceções.

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano. O colorido deve ser púrpura homogêneo admitindo-se pequenas nuances de coloridos diferentes, principalmente na fauce.



C. intermedia var. *rubra* (fauce mais clara)



C. intermedia var. *sangüínea* 'Berger'

13) sangüínea - pétalas, sépalas e tubo do labelo com colorido vermelho sangüíneo brilhante e homogêneo em toda a flor. Labelo com lobo frontal purpúreo escuro.

Variedade também bastante rara e muito confundida com a variedade rubra. A maioria das plantas é de baixa qualidade, com pétalas e sépalas muito estreitas. Possui, entretanto, colorido belíssimo!

Nota para julgamento: as sépalas devem ser largas, planas e igualmente espaçadas. As pétalas devem ser planas e as mais largas possíveis. O labelo deve ser tubular com lobo frontal plano. O colorido deve ser púrpura escuro homogêneo em toda a flor sem nuances de coloridos diferentes.

Colaboradores:

-Roberto Pinós – Cachoeira do Sul - RS

Bibliografia:

-Fowlie, J. A. The Brazilian Bifoliate Cattleyas and Their Color Varieties. Azul Quinta Press. USA. 1977.

-Lacerda, Kleber et. al. Brazilian Orchids. Sodo Publishing. Japan. 1995.

-Miura, Jiro. Cattleya intermedia. Japan.



AWZ Orquídeas

Produção própria de espécies naturais

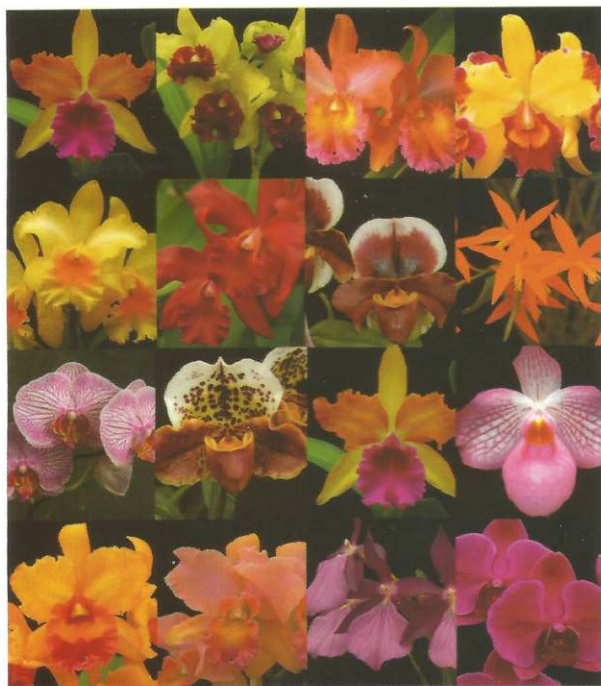
Aleksandro e Wladyslaw Zaslowski

E-mail: awz@awzorchids.com.br
 Website: www.awzorchids.com.br
 Telefax: (27) 3227-1936

Rua José Luis Gabeira, 108
 Barro Vermelho - Vitória - ES
 Cep: 29.057-570

L. praestans semi alba delicata 'AWZ'

*Se você também acha
que a beleza é
fundamental, precisa
conhecer a Aranda.*



ARANDA
ORQUÍDEAS

Beleza em flor:

Escritório Central do Rio: 2529-6688
Espaço Aranda Teresópolis: (21) 2742-0628
Estrada Francisco Smolka, s/nº - Quebra Frascos
Espaço Aranda Guapimirim: (21) 2632-1102
Estrada do Bananal, 1.850
www.aranda.com.br